

A metonímia parte e todo e a conceptualização do feminino no funk carioca

Laura Mariana de Jesus de Brito da Costa¹
Fernanda Carneiro Cavalcanti²

RESUMO

Considerando que o funk carioca constitui uma importante manifestação artística, de forte influência cultural e econômica, o presente estudo, resultado de pesquisa ainda em andamento, objetiva identificar e analisar como se dá o processo de conceptualização do feminino no âmbito do gênero musical à luz da Teoria da Metáfora Conceptual – TMC – (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Ou seja, busca-se olhar para a construção sociocognitiva e/ou conceptualização do feminino em tal contexto, visando a demonstrar o poder explicativo da TMC. Para tanto, analisa-se o léxico relacionado ao feminino em cem canções produzidas por Anitta, Dennis DJ, Lexa, Ludmilla e Pocah ao longo do período de cinco anos (2017-2021). Com base no uso do software AntConc, os resultados apontam para relevância do léxico relacionado a partes do corpo feminino, em especial a “bunda”, com média de 13,56 ocorrências, contra uma média de 1,95 ocorrências relacionadas à outras partes do corpo humano, com maior presença de “cara” e “mão”. Conclui-se, assim, que o feminino, ao ser categorizado nas canções a partir de processos metonímicos relacionados às partes do corpo feminino, em especial a “bunda”, indica como a sociedade carioca conceptualiza e

¹ Graduanda em Letras - Inglês pela UERJ. Bolsista IC FAPERJ. E-mail: laurabrito0026@gmail.com

² Professora Adjunta do Departamento de Estudos da Linguagem da UERJ. FAPERJ.

significa o corpo feminino no âmbito de suas interações corpóreas socioculturalmente situadas.

PALAVRAS-CHAVE: Metonímia; Feminino; Teoria da Metáfora Conceptual; Funk carioca

ABSTRACT

Considering that funk carioca constitutes an important artistic manifestation of strong cultural and economic influence, the present study, the result of research still in progress, aims to identify and analyze how the process of conceptualization of the feminine in the context of the musical genre takes place in the light of the Theory of Conceptual Metaphor – TMC – (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). That is, we seek to look at the sociocognitive construction and/or conceptualization of the feminine in such a context to demonstrate the explanatory power of TMC. To this end, the lexicon related to the feminine in one hundred songs produced by Anitta, Dennis DJ, Lexa, Ludmilla, and Pocah over the five years (2017-2021) is analyzed. Based on the use of the AntConc software, the results point to the relevance of the lexicon related to female body parts, in particular, the ass, with an average of 13.56 occurrences, against an average of 1.95 occurrences related to other parts of the human body, with a greater presence of face and hand. We conclude, therefore, that the feminine, when categorized in the songs from metonymic processes related to parts of the female body, especially the ass, indicates how Rio de Janeiro society conceptualizes and means the female body in the context of their socioculturally situated physical interactions.

KEYWORDS: Metonymy; Femininity; Conceptual Metaphor Theory; Funk carioca

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca identificar e analisar, à luz da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], KÖVECSES, 2002;

SARDINHA, 2007), a conceptualização do feminino em cem³ canções do funk carioca, produzidas por Anitta, Ludmilla, Dennis DJ, Pocah e Lexa, no período entre 2017 e 2021.

Escolhemos trabalhar com a conceptualização do feminino no funk carioca dado o caráter popular e representativo desse gênero musical no seio da cultura brasileira, em especial carioca. Ou seja, por se constituir em um mercado popular de consumo de mídias musicais, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, tal gênero pode nos auxiliar a compreender como se dá tal conceptualização para além do próprio universo artístico.

Para tanto, adotamos metodologia de tipo qualiquantitativa, em que, de um lado, analisamos o léxico relativo ao feminino nas mencionadas cem canções, com base nos postulados da TMC, em especial da metonímia conceptual; e, de outro, com o auxílio do software *AntConc.*, analisamos a relação entre a frequência e a ocorrência de determinados itens de tal léxico, a exemplo de bunda, mão e cara. Vale ressaltar que tal software foi desenvolvido por Laurence Anthony, professor da Waseda University, para ser utilizado em análise textual e em linguística de corpus, a partir de ferramentas como a de checagem de frequência de palavras, de colocações, de concordância e de comparação entre dados organizados em *corpora*.

Os resultados obtidos mostram a ocorrência altamente relevante do item lexical “bunda”, relacionado a pronomes do gênero feminino e à

³ As cem canções foram organizadas de acordo com ano de lançamento e artista. Foram analisadas 20 canções de cada músico, sendo, entre elas, 4 referentes a cada ano analisado. Os lançamentos aqui trabalhados foram: Ludmilla - Homem é Homem (2017), Cheguei (2017), Tipo Crazy (2017), Só vem! (2017), Solta a Batida (2018) Clichê (2018), Jogando Sujo (2018), Din Din Din (2018), Melhor pra mim (2019), Um Pôr do Sol na Praia (2019), 700 por Hora (2019), Flash* (2019), Cobra Venenosa (2020), Rainha da Favela (2020), I Love You Too (2020), Amor Dificil (2020), Pra te Machucar(2021), Socadona (2021), Ela Não (2021) e Joga Duro (2021). Lexa - Agora Eu Quero Ver (2017), Vem Que Eu Tô Querendo (2017), Movimento (2017), Foco Certo (2018), Sapequinha (2018), Provocar (2018) Conectar (2018), Só Depois do Carnaval (2019), Amor Bandido, (2019), Apimentadíssima (2019), Chama Ela (2019), Combatchy (2020), Treme Tudo (2020), Venenosa (2020), Quebrar Seu Coração (2020), Prazer, Eu Sou a Lexa (2021), Bruta (2021), Bota o Colete (2021) e Taradinha (2021). Anitta - Coladinha em Mim (2017), Vai Malandra (2017), Sua Cara (2017), Você Partiu Meu Coração (2017), Fica Tudo Bem (2018), Não Perco Meu Tempo (2018), Eu Não Vou Embora (2018), Perdendo a Mão (2018), Terremoto (2019), Onda Diferente (2019), Some Que Ele Vem Atrás (2019), Meu Mel (2019), Jogação (2020), Rave de Favela (2020), Desce Pro Play (2020), Tá com o Papato (2020), SexToU (2021), NO CHÃO NOVINHA (2021), Tô Preocupada (2021). Pocah - Meu Boy (2017), Pa & Browse (2017), Tô Tarada (2017), Perdendo a Linha (2017), Não Corre (2018), Espelho Meu (2018), Nois Tira Onda (2018), Agora Eu Tô Assim (2018), Ninguém Manda Nessa Raba (2019), Resenha Lá em Casa (2019), Pode Chorar (2019), Para Não (2019), Lei da Gravidade (2020), Depois da Quarentena (2020), Toda Sua (2020), Jogar Pra Tropa (2020), Nem On Nem Off (2021), Muito Prazer (2021), Passando o Rodo (2021), Eu Vicei (2021). Dennis DJ - Mostra o Que Sabe (2017), Bonita (2017), Coração Tá Gelado (2017), Absurda (2017), Vou Pegar (2018), Sou Teu Fã (2018), Só Você (2018), Bumbum Covarde (2018), Isso Que É Vida (2019), Pá Em Todo Mundo (2019), Relaxa e Toma (2019), Vizinha (2019), É o Mundo (2020), Namastê (2020), Novo Normal (2020), Se Ferrou (2020), Deixa de Onda (2021), Lágrima por Lágrima (2021), Eu Amo Todas (2021), Vera (2021).

conceptualização do tal por meio da metonímia conceptual PARTE E TODO. Observou-se, igualmente, que verbos relacionados diretamente ou indiretamente a mencionada parte do corpo humano são frequentes, tais quais “empinar” e “sentar”. Por outro lado, mesmo que numericamente menos frequente, observamos, ainda, a relevância do item lexical “cara” se referindo majoritariamente ao rosto masculino, que observa os movimentos de dança executados pela mulher.

Assim, sendo, organizamos esse estudo em três seções, para além desta introdução. Na primeira seção, Fundamentação Teórica, discutimos, de forma breve, os postulados da TMC, especialmente o papel da metonímia nos processos de conceptualização do feminino (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]; KÖVECSES, 2002; SARDINHA, 2007). Na segunda seção, Dados e Análise, apresentamos e discutimos os dados recolhidos com base na aplicação do software *AntConc*. e da metonímia conceptual. Na terceira e última seção, Conclusão, tecemos nossas conclusões e considerações a partir dos resultados obtidos com a análise e a discussão dos dados coletados.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As bases da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) foram lançadas com a publicação da obra *Metáforas da Vida Cotidiana*, de Lakoff e Johnson, em 1980. Nesse sentido, como destaca Sardinha (2007), figuras de linguagem, como a metáfora, passaram a ser abordadas para além de sua natureza linguística ou gramatical, já que é postulado, de acordo com a TMC, que a metáfora seria um recurso cognitivo no qual baseamos a nossa produção e compreensão dos significados linguísticos. Dessa forma, de acordo com tal abordagem, a metáfora, ao ter caráter cognitivo, visto que seria estruturada pelas interações corporais e sociais, licenciaria os significados linguísticos.

Assim sendo, a metáfora passa a ser discutida a partir da relação entre linguagem e cognição; ou, ainda, a partir de processos semântico-conceptuais situados no tempo e no espaço, a exemplo dos inúmeros casos de personificação encontrados nas línguas. De acordo com Lakoff e Johnson (1980), tais casos evidenciam que características relacionadas ao ser humano são transferidas para estruturar conceitos abstratos como o de INFLAÇÃO. Ou seja, em tais casos, seria possível observar que as características relacionadas ao ser humano estariam sendo mapeadas com base em metáforas, no caso ontológicas. Tais ocorrências permitiriam compreender, por exemplo, o conceito abstrato de INFLAÇÃO ao relacioná-lo com

características humanas, como por exemplo “a inflação roubou minhas economias” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 91).

Por outro lado, em um exemplo diferente, “o sanduíche de presunto está esperando sua conta” — retirado da interação entre duas garçonetes em uma lanchonete, em que uma delas se refere a um cliente *habitué* como “sanduíche de presunto” — seria possível observar a metonimização de ser humano em termos de sanduíche de presunto (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 91). Assim sendo, se, por um lado, os procedimentos metafóricos relacionam domínios conceptuais distintos — SER HUMANO e INFLAÇÃO — para que possamos entender o conceito de INFLAÇÃO; por outro lado, os procedimentos metonímicos permitem que se relacionem elementos de um mesmo domínio conceptual — ALGO ESPECÍFICO DE UM SER HUMANO E SER HUMANO/PARTE e TODO — para que possamos entender o conceito como um todo.

Dessa forma, a metáfora e a metonímia passam a ser consideradas como uma janela que possibilita que visualizemos parte do funcionamento da mente, em especial a parte relativa aos processos de conceptualização e/ou categorização. Ainda, com base em Sardinha (2007), podemos afirmar que, ao estruturarem o pensamento, a metáfora e a metonímia nos possibilitam categorizar e compreender fenômenos abstratos, como o conceito de feminino. Assim sendo, tais recursos deixam de ser abordados como simples acessórios linguísticos para ganharem o papel de dispositivos cognitivos indispensáveis em nossa busca interminável de compreensão do que não nos é tangível. É através desses recursos, em suma, que o abstrato se torna concreto, compreensível e realizável em nossas trocas cotidianas.

Com efeito, as primeiras discussões acerca da natureza da metáfora são atribuídas a Aristóteles (1990), em sua obra intitulada *Arte Poética*, datada provavelmente entre os anos 335 a.C. e 323 a.C. Nela, o filósofo grego define metáfora como “o uso do nome de uma coisa para designar outra” (Poética, III, IV, 7, p. 182). Nessa perspectiva, o autor apresenta uma tipologia a ela relacionada, na qual a que mais se aproxima do conceito contemporâneo de metáfora é a de “analogia”. Dada a influência da visão aristotélica acerca da metáfora, assistiu-se, nos anos e séculos subsequentes, ao levantamento e classificação cada vez mais vastos das figuras de linguagem, com diferenças muito sutis entre elas.

Tal qual assinala Sardinha (2007), esse vasto e amplo conjunto de figuras de linguagem tende a ser mencionado e é ilustrado em gramáticas e enciclopédias a partir de exemplos de renomados poetas. Isso aponta para a reiterada visão, nos dias atuais, da metáfora e da metonímia como atributos

de natureza essencialmente linguísticas; ou ainda como relacionados somente com o estilo, ocorrendo predominantemente em textos literários.

Por outro lado, embora a distinção entre as figuras de linguagem, que constituem tão vasto conjunto, tenha perdido força entre as principais teorias contemporâneas que tratam de seu papel, a exemplo da TMC, a metáfora e a metonímia não perderam seu protagonismo. Nesse sentido, de acordo com os postulados da TMC (KÖVESCES, 2002): a metáfora, para conceptualizar o feminino, por exemplo, vale-se de mapeamento e/ou correspondência entre os elementos constitutivos de dois domínios conceptuais distintos. Um exemplo desse fenômeno é identificado na canção intitulada *Cobra Venenosa*, de Ludmila (2020), no verso “Cobra invejosa, não sai do lugar // Fica me difamando pra poder me atrapalhar”. Nesse caso, é possível identificar a metáfora MULHER É COBRA. A metonímia, por outro lado, para conceptualizar conceitos como o feminino, vale-se do mapeamento entre elementos relativos à parte do corpo feminino — no caso BUNDA — de um mesmo domínio conceptual, no caso MULHER.

Em síntese, de acordo com a TMC, visto que os domínios conceptuais seriam constituídos por elementos provenientes de dado conhecimento ou experiência humana, a metáfora relacionaria domínios distintos, criando conexões de sentido entre estes para estruturar conceitos abstratos como feminino. A metonímia, ao contrário, relacionaria criando conexões de sentido entre elementos de um mesmo domínio conceptual.

É necessário assinalar que, segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a metonímia não possui um caráter meramente referencial. Esta funcionaria como base para compreensão de mundo, a exemplo da metonímia conceptual PARTE PELO TODO. Sendo assim, as partes selecionadas deverão ser analisadas como representação de uma entidade maior, como a cultura na qual ela ocorre. Nessa perspectiva, como veremos na seção subsequente, os dados apresentados e analisados explicitam como a seleção de determinadas partes do corpo feminino, a exemplo de “bunda”, são relevantes para conceptualizar o feminino não apenas no contexto do funk carioca, mas a partir dos valores e crenças da sociedade e da cultura, sobretudo cariocas, que tal gênero musical projeta.

2 DADOS E ANÁLISE

Conforme já foi por nós assinalado, para investigar e discutir a categorização e/ou conceptualização do feminino nas cem canções produzidas por Anitta, Ludmilla, Dennis DJ, Pocah e Lexa, no período entre

2017 e 2021, analisamos o léxico relativo ao feminino, seja por meio da emergência de metonímia conceptual, seja por meio da quantificação do léxico a ele relacionado. Dessa forma, foi, inicialmente, realizada uma busca pelo pronome de terceira pessoa feminino “ela” e masculino “ele”, com o objetivo de checar a frequência com que as canções visam representar e/ou descrever ambos os gêneros. O pronome feminino surgiu 337 vezes, uma média de mais de 3 citações por canção analisada. Por outro lado, o pronome masculino surgiu 95 vezes, menos de uma vez por composição. Com isso, os dados revelaram indícios de preferência da presença do feminino na narrativa do funk carioca, talvez pelo fato de termos escolhido analisar canções produzidas por quatro compositoras e por um único compositor.

Constatada a relevante frequência de pronomes relacionados ao feminino, fez-se importante compreender como tal “protagonismo” feminino ascende e é conceptualizado nessas composições, assim como com quais outras palavras o pronome é mais comumente relacionado. Nesse sentido, a Figura 1, referente à captura de tela da ferramenta de análise de sequência de palavras do *AntConc*, mostra em que tipo de contexto linguístico o pronome está normalmente inserido e quais utilizações são diretamente relacionadas após sua presença nas canções.

Em um primeiro momento, é interessante notar como o pronome feminino ocorre de forma relevante com verbos de mesmo campo semântico. Dentre as cinco palavras mais frequentes, estão três verbos relacionados à dança do funk, normalmente envolvendo o ato de rebolar. Os três verbos são, por ordem de maior ocorrência, “desce” (49 presenças), “joga” (42 presenças) e “mexe” (15 presenças), totalizando uma média de pelo menos uma ocorrência de alguma das formas por canção analisada.

Tendo em vista a presença numericamente expressiva de verbos no mesmo campo semântico de “rebolar” e à parte do corpo “bunda”, surgiu a necessidade de verificar, em um segundo momento, a frequência com que palavras relativas às partes do corpo feminino surgem nas canções. Com isso, visava-se confirmar o que inicialmente apareceu como relevante, isto é, se a ocorrência de “bunda” como parte do corpo feminino era consistente. Dessa forma, chegamos à frequência em que ocorrem “bunda” e demais partes do corpo feminino ilustrada nas tabelas abaixo.

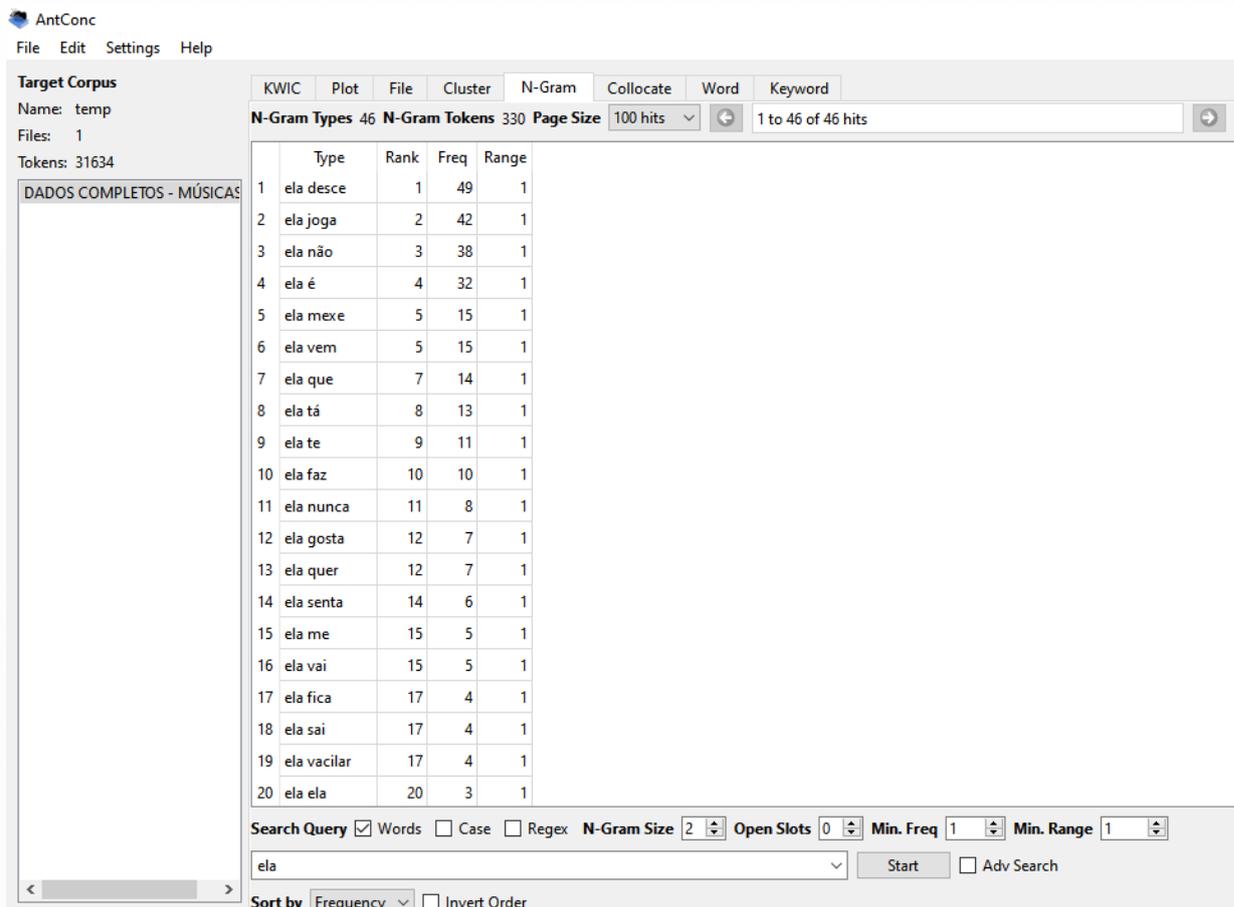


Figura 1: Captura de tela referente a utilização do pronome “ela”.
Fonte: elaborada pelas autoras

Palavras Relacionadas à Bunda	Ocorrências
Bunda*	212
Bumbum*	141
Raba*	19
Jogar*	373
Sentar*	240
Descer*	230
Rebolar*	98
Empinar*	43
Total:	1356

Tabela 1: Ocorrências de Palavras Relacionadas à Bunda.
Fonte: elaborada pelas autoras

Palavras Relacionadas a Outras Partes do Corpo Humano	Ocorrências
Cara*	50
Mão*	50
Boca*	47
Coração*	33
Cabelo*	6
Pé*	3
Peito*	3
Unha*	1
Perna*	1
Língua*	1
Total:	195

Tabela 2: Ocorrências de Palavras Relacionadas a Outras Partes do Corpo.

Fonte: elaborada pelas autoras.

Diante de tal achado, nota-se que, no funk carioca, há particular atenção para uma parte muito específica do corpo feminino: a bunda. A despeito da existência de demais partes do corpo culturalmente e socialmente valorizadas em nossa cultura, como os seios, os cabelos, a boca e os olhos, por exemplo, a bunda surge com um grande protagonismo do corpo feminino, chegando a ter uma média de mais de 13 citações por canção analisada, quase sete vezes mais que todas as outras dez partes do corpo feminino analisadas somadas.

Como mencionado anteriormente, a emergência da metonímia conceptual PARTE PELO TODO tem caráter não arbitrário. Isto é, o fenômeno é motivado por crenças e valores socioculturais. Considerando que os dados apontam para a consistência em conceptualizar feminino a partir de uma parte específica do corpo feminino, percebe-se que tal escolha relaciona-se, de forma contundente, com valores culturais da sociedade brasileira na conceptualização e significação do que seria prototipicamente o corpo feminino. Assim sendo, seria plausível afirmar que, com base em tal

metonímia, o feminino é sobretudo conceptualizado em termos da bunda da mulher e que tal contundência aponta para, conforme Goldenberg (2002) explicita, uma crescente culto ao corpo no Rio de Janeiro no final do século XX e início do XXI, assim como a relevância deste na relação identitária de indivíduos.

A autora acrescenta que seria possível assistir à ascendência de “uma nova moralidade” na sociedade carioca centrada na exibição de corpos, mas não de qualquer corpo. Existiria, assim, um controle rígido em relação aos cuidados, em relação à aparência física, algo que passa por representações, nos filmes, nos comerciais, na música, dentre outros. Nessa perspectiva, a autora compartilha ainda dados levantados por questionários nos quais, segundo o público masculino dessa sociedade, o que mais atrai sexualmente em uma mulher seria a bunda, o corpo e os seios⁴.

Para finalizar, seria importante assinalar a ocorrência de parte do corpo como “cara”. Apesar do número de vezes em que ocorre nas canções ser significativamente inferior em relação à “bunda”, ainda assim tal parte do corpo humano possui relevância para compreensão da construção de gênero no contexto estudado. Diferentemente de “bunda”, majoritariamente relacionada ao gênero feminino, o item lexical “cara” surge relacionado ao rosto de um homem. Das 50 entradas encontradas, 27 ocorrências relacionam a “cara” de um homem vendo a bunda e/ou o rebolar de uma mulher. O rosto surge como um rosto masculino e, principalmente, mais relacionado com os olhos e a visão — com o ato de a bunda de uma mulher ser vista e apreciada por um homem.

3 CONCLUSÃO

De acordo com o presente estudo, em que analisamos a conceptualização do feminino a partir do léxico relacionado a esse conceito em cem canções do funk carioca, o item lexical “bunda” ocorre 1356 vezes. A escolha por item para se referir ao feminino demonstra a influência e ou motivação de ordem sociocultural, tal qual podemos observar em pesquisa realizada por Goldenberg (2002), na emergência da metonímia conceptual PARTE PELO TODO ou ainda MULHER É BUNDA.

Dessa forma, consideramos que a Teoria da Metáfora Conceptual oferece ferramental teórico adequado e consistente para que se expliquem os procedimentos sociocognitivos que estruturam conceitos abstratos, como o

⁴ Foi apresentado um total de 295 categorias, a bunda recebeu a maior parte dos votos com 55 respostas (18,64%), o corpo recebeu 42 (14,24%) e seios 42 (14,24%).

do feminino. Em outras palavras, tal teoria nos permite compreender como o feminino é conceptualizado nas cem canções do funk carioca aqui analisadas com base em mapeamento metonímicos entre mulher e parte de seu corpo, a partir da projeção de valores e crenças da sociedade carioca, tendo em vista que a seleção específica de uma parte para referenciar ao todo, demonstrando forte influência sociocultural da sociedade em que ocorre.

Por fim, consideramos que a metonímia conceptual permite que visualizemos o que ocorre na mente dos membros da sociedade carioca em relação aos itens que representam prototipicamente o seu conceito de feminino. A partir disso, estimamos que é possível formular estudos e pesquisas que busquem compreender como modelos culturais e motivações de caráter histórico e social da sociedade do Rio de Janeiro influenciam em suas escolhas linguísticas ao se referir ao feminino em manifestações artísticas, a exemplo das canções do funk carioca.

REFERÊNCIAS

ANTHONY, L. . **AntConc** (Versão 3.2.1) [Windows 10 Home Single Language, versão 21H1]. 2010

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.. Série Universitária. Clássicos de Filosofia. 1990

GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 1. ed. Editora Record, 2011.

KÖVECSES, Z.. Metaphor: **A practical introduction**. Oxford: Oxford University Press. 2002

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. L. **As Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras / EDUC, 1980/2002.

LUDMILLA. **Cobra Venenosa**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H9OCyYPQ7J8> Acesso em: 29 de junho de 2022.

SARDINHA, T. **Metáfora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Parábola, 2007.